E-book

Pós-graduação
Docente Creator

E-BOOK CONCEITUAL / UNIDADE DE APRENDIZAGEM 4

# Presença Digital e Engajamento Inicial

Quando a presença se torna relação

ABERTURA

# QUANDO A PRESENÇA SE TORNA RELAÇÃO

Uma questão decisiva para a atuação docente em rede é que publicar não encerra o processo de comunicação. O sentido de uma contribuição continua a ser construído quando diferentes públicos a interpretam, situam, questionam e conectam a outros repertórios. Presença digital, portanto, não é um atributo que o indivíduo controla sozinho. É uma construção relacional, produzida no encontro entre identidade, linguagem, infraestrutura, memória pública e resposta dos interlocutores.

Este e-book investiga esse encontro. Seu foco não está em oferecer fórmulas de publicação, recomendar plataformas ou converter interação em desempenho. O objetivo é compreender as condições pelas quais uma contribuição se torna legível, uma resposta ganha continuidade, a confiança permite atravessar grupos e uma aproximação pode resultar em curadoria ou colaboração sem apagar autoria, contexto e limites.

> **Presença digital não é apenas aparecer. É tornar uma contribuição legível e sustentar relações coerentes com ela.**

O percurso se desenvolve em seis movimentos articulados: presença e legibilidade; engajamento e reciprocidade; confiança e capital social; resposta e reflexão profissional; curadoria de talentos; e colaboração com limites compartilhados. Juntos, eles completam a passagem da autoria individual para a participação responsável em redes de conhecimento.

**Pergunta de abertura**

O que muda quando alguém responde, recomenda ou propõe uma colaboração?

INTENÇÃO FORMATIVA

# COMPREENDER A PRESENÇA DIGITAL COMO PARTICIPAÇÃO RELACIONAL

**Competência**
Analisar a presença digital como processo relacional, articulando legibilidade, reciprocidade, confiança, curadoria e colaboração ética.

| | |
|---|---|
| **Distinguir conceitos**<br>**Visibilidade, legibilidade e presença** | **Analisar vínculos**<br>**Reação, reciprocidade e confiança** |
| **Interpretar respostas**<br>**Devolutiva e reflexão profissional** | **Curar com critérios**<br>**Reconhecimento e assimetrias** |
| **Colaborar com ética**<br>**Autoria, consentimento e créditos** | **Sustentar limites**<br>**Cuidado e participação possível** |

Analisar a presença digital como construção social e profissional, distinguindo exposição, legibilidade, reconhecimento e vínculo; compreender como públicos em rede, confiança e capital social condicionam a circulação do conhecimento; interpretar respostas como indícios para a reflexão profissional; e avaliar os efeitos éticos, epistêmicos e relacionais da curadoria e da produção colaborativa. Ao final, espera-se que o leitor possa justificar escolhas de presença não apenas por sua eficiência comunicativa, mas pela qualidade das relações e das condições de participação que elas produzem.

# SUMÁRIO

PRESENÇA E LEGIBILIDADE ..... 4
ENGAJAMENTO COMO RECIPROCIDADE ..... 8
CONFIANÇA CONECTA REPERTÓRIOS ..... 12
QUANDO A RESPOSTA MODIFICA A PRÁTICA ..... 18
CURAR É DISTRIBUIR RECONHECIMENTO ..... 24
DA CONEXÃO À COLABORAÇÃO ..... 28
FUNDAMENTOS MOBILIZADOS NO E-BOOK ..... 31

01 / PRESENÇA E LEGIBILIDADE

# PRESENÇA E LEGIBILIDADE

Da aparição à contribuição reconhecível

Ser visto não equivale a construir presença. A questão é como temas, referências, interações e limites tornam uma contribuição docente legível no tempo.

**Distinção central**
Visibilidade registra exposição; presença relacional combina coerência, reconhecimento e continuidade.

01 / PRESENÇA E LEGIBILIDADE

## Visibilidade não é presença

A coerência de uma presença não nasce da repetição de uma mensagem e sim da relação inteligível entre trajetória, repertório, valores, decisões e formas de interação. Por isso, ela é longitudinal e depende do que se mantém, do que muda e de como as mudanças são explicadas. Uma revisão de posição pode fortalecer a credibilidade quando torna visível o processo de aprendizagem e a insistência em uma identidade rígida pode, ao contrário, ocultar contradições relevantes.

Para o docente, tornar-se legível significa permitir que diferentes interlocutores reconheçam o território de conhecimento, os critérios e os compromissos que orientam sua contribuição. Legibilidade não é simplificação nem padronização de uma marca e sim a redução da ambiguidade necessária para que uma relação possa começar, sem eliminar a complexidade da trajetória profissional.

| | |
|---|---|
| **Visibilidade**<br>Possibilidade de ser visto | **Legibilidade**<br>Possibilidade de ser compreendido |
| **Presença**<br>Coerência percebida no tempo | **Presença relacional**<br>Continuidade em vínculos e conversas |

**Distinção-chave**
Alcance descreve exposição; presença descreve uma contribuição reconhecível e uma forma de relação sustentada.

01 / COERÊNCIA PERCEBIDA

# Presença é uma construção longitudinal

A coerência de uma presença não nasce da repetição de uma mensagem e sim da relação inteligível entre trajetória, repertório, valores, decisões e formas de interação. Por isso, ela é longitudinal e depende do que se mantém, do que muda e de como as mudanças são explicadas. Uma revisão de posição pode fortalecer a credibilidade quando torna visível o processo de aprendizagem e a insistência em uma identidade rígida pode, ao contrário, ocultar contradições relevantes.

Para o docente, tornar-se legível significa permitir que diferentes interlocutores reconheçam o território de conhecimento, os critérios e os compromissos que orientam sua contribuição. Legibilidade não é simplificação nem padronização de uma marca e sim  a redução da ambiguidade necessária para que uma relação possa começar, sem eliminar a complexidade da trajetória profissional.

| | |
|---|---|
| **Temas** | Que problemas e repertórios reaparecem? |
| **Linguagem** | Que relação a forma de explicar propõe? |
| **Interações** | Como perguntas e divergências são tratadas? |

**Coerência não é repetição**
Uma presença pode mudar de posição e repertório, desde que torne visíveis os motivos e os aprendizados da mudança.

01 / RASTROS DE PRESENÇA

# A PRESENÇA TAMBÉM SE CONSTRÓI NAS INTERAÇÕES

Uma apresentação de perfil informa, mas não esgota uma presença professional e perguntas formuladas, fontes reconhecidas, modos de responder, correções públicas e recusas justificadas também comunicam posição. A identidade declarada encontra, assim, a identidade atribuída pelos outros. Entre ambas existe uma zona de negociação: podemos orientar interpretações, mas não controlar integralmente os sentidos produzidos.

Marwick e boyd (2011) mostram que, em públicos conectados, pessoas diferentes e contextos antes separados podem convergir diante da mesma publicação. Esse colapso de contexto torna insuficiente imaginar um público homogêneo. A mesma explicação pode ser lida por estudantes, pares, gestores e desconhecidos, cada qual com repertórios e expectativas distintos. Presença responsável exige antecipar essa pluralidade sem falar de modo genérico para todos.

| Sinal | O que pode comunicar |
|---|---|
| Questão crítica | Bio e apresentação |
| Território declarado | As práticas confirmam esse território? |
| Referências mobilizadas | Filiações e critérios |
| Que vozes permanecem ausentes? | Respostas oferecidas |

**Leitura situada**
Nenhum rastro possui significado fixo. O contexto e a relação entre sinais orientam sua interpretação.

01 / VISIBILIDADE E PRESENÇA

# Distinguir conceitos evita decisões automáticas

Visibilidade descreve a possibilidade de ser visto; a legibilidade mostra a possibilidade de uma contribuição ser compreendida; reconhecimento, a atribuição situada de valor; presença, a coerência percebida no tempo; presença relacional, a continuidade pela qual uma contribuição passa a integrar vínculos e conversas. Confundir esses fenômenos leva a decisões equivocadas, como interpretar alcance como confiança ou frequência como consistência.

| Conceito | Foco | Não confundir com |
|---|---|---|
| Visibilidade | Exposição | Reconhecimento |
| Legibilidade | Compreensão | Simplificação |
| Reconhecimento | Atribuição de valor | Autoridade consolidada |
| Presença relacional | Continuidade | Disponibilidade permanente |

Pergunta para aprofundamento: que sinais permitem distinguir aparição, legibilidade e presença relacional em sua atuação docente?

**Síntese**
Tornar-se legível é permitir que outros reconheçam uma contribuição sem converter a vida profissional em exposição contínua.

02 / ENGAJAMENTO E RECIPROCIDADE

# ENGAJAMENTO COMO RECIPROCIDADE

Do contato à continuidade

Reações e contagens registram ações. A densidade relacional começa quando a contribuição do outro é escutada, reconhecida e retomada no movimento seguinte.

**Mudança de critério**
Não perguntar apenas quanto engajou, mas que relação a interação tornou possível.

02 / ENGAJAMENTO E RECIPROCIDADE

# Engajamento começa quando a resposta encontra continuidade

Plataformas costumam reunir sob a palavra engajamento ações muito diferentes: visualizar, reagir, comentar, perguntar, recomendar, discordar e retornar a uma conversa. A proximidade estatística entre esses gestos não significa equivalência relacional, pois uma reação registra contato; uma pergunta pode abrir interpretação; uma recomendação transfere atenção; um retorno sinaliza memória da conversa. A qualidade do engajamento depende do que cada gesto torna possível, e não apenas de sua ocorrência.

| Gesto | Pode indicar | Exige observar |
|---|---|---|
| Visualizar | Contato | Contexto e recorrência |
| Reagir | Reconhecimento mínimo | Se há continuidade |
| Comentar | Contribuição | Qualidade e relação |

> **Critério**
> O engajamento ganha densidade quando a contribuição do outro é reconhecida e participa do movimento seguinte.

A diferença central não está entre pouco e muito engajamento, mas entre atividade e relação. Perguntar sem escutar, solicitar comentários sem retornar ou responder apenas para manter movimento visível pode aumentar contagens sem reconhecer interlocutores. A reciprocidade começa quando a contribuição do outro altera, ainda que minimamente, a compreensão, a resposta ou a decisão seguinte.

02 / CONTINUIDADE

# Reciprocidade não é troca calculada

Recuero (2011) mostra que relações em rede mobilizam recursos como informação, apoio, reconhecimento, visibilidade e cooperação. Esses recursos não decorrem automaticamente do número de conexões. São produzidos por interações repetidas, expectativas compartilhadas e normas de convivência. Dessa perspectiva, engajamento orgânico não é espontaneidade sem mediação, mas participação sustentada por relevância percebida, confiança progressiva e possibilidade real de resposta.

| | |
|---|---|
| **Escutar**<br>Compreender antes de responder | **Reconhecer**<br>Nomear a contribuição do outro |
| **Contribuir**<br>Acrescentar contexto ou pergunta | **Retornar**<br>Dar continuidade quando fizer sentido |
| **Devolver**<br>Comunicar o que foi aprendido | **Limitar**<br>Encerrar sem desrespeitar |

Reciprocidade também não significa dívida, simetria perfeita ou disponibilidade permanente. Relações profissionais podem envolver contribuições diferentes e ritmos desiguais. O critério ético é que o outro não seja reduzido a audiência, validação ou recurso. Escutar, reconhecer autoria, responder de modo proporcional e aceitar a recusa são formas de preservar a agência dos participantes. Baym (2015) ressalta que relações mediadas por tecnologias desenvolvem convenções, pistas e expectativas próprias. A qualidade relacional depende, portanto, de como os participantes negociam presença, ausência, disponibilidade e continuidade em cada ambiente.

> **Reciprocidade não é dívida**
> Nem toda interação demanda continuidade, mas toda resposta merece tratamento compatível com seu contexto e seus limites.

02 / SINAIS RELACIONAIS

# Métricas registram ações, mas não explicam relações

Contagens podem indicar que houve contato, mas não demonstram, sozinhas, compreensão, confiança ou aprendizagem. Um comentário numeroso pode repetir fórmulas; uma única pergunta pode revelar um problema conceitual relevante. Interpretar engajamento exige relacionar quantidade, qualidade, contexto e consequência: quem participou, a partir de qual posição, o que acrescentou e que movimento ocorreu depois.

| Sinal | Pode informar | Não demonstra sozinho |
|---|---|---|
| Reação | Contato inicial | Compreensão |
| Comentário | Disposição para falar | Qualidade relacional |
| Pergunta | Necessidade ou interesse | Aprendizagem |
| Recomendação | Atribuição de valor | Confiança estável |
| Retorno | Continuidade | Colaboração |
| Cocriação | Trabalho conjunto | Horizontalidade |

**Pergunta de leitura**
Que mudança concreta a interação tornou possível para pelo menos um dos interlocutores?

**Pergunta para aprofundamento**
Quando uma reação se transforma em reciprocidade e continuidade?

03 / CONFIANÇA E CAPITAL SOCIAL

# CONFIANÇA CONECTA REPERTÓRIOS

Laços, pontes e recursos relacionais

Laços próximos oferecem densidade: laços fracos podem aproximar grupos. Indicações responsáveis fazem conhecimentos circular com contexto e reconhecimento.

**Capital social**
Não é quantidade de contatos, mas recursos acessíveis por confiança, reciprocidade e cooperação.

03 / CONFIANÇA E CAPITAL SOCIAL

# Confiança faz conhecimentos atravessarem grupos

Nem toda contribuição chega a um novo interlocutor por busca ou recomendação automatizada. Muitas vezes, ela chega porque alguém a contextualizou, atribuiu valor e decidiu colocá-la em contato com outra pessoa. Granovetter (1973) mostrou que laços menos intensos podem funcionar como pontes entre grupos, permitindo que informações e oportunidades atravessem círculos sociais distintos. A força da ponte está justamente em conectar repertórios que não circulariam nas relações mais próximas.

Uma indicação responsável não transfere apenas um link: oferece contexto, explica relevância e compromete parcialmente a credibilidade de quem recomenda. Veletsianos e Kimmons (2012) descrevem a produção acadêmica em rede como prática participativa, na qual compartilhar, comentar e desenvolver conhecimento com outros se torna parte do próprio trabalho intelectual. A conexão, nesse caso, não é divulgação posterior ao conhecimento; integra as condições de sua elaboração e validação social.

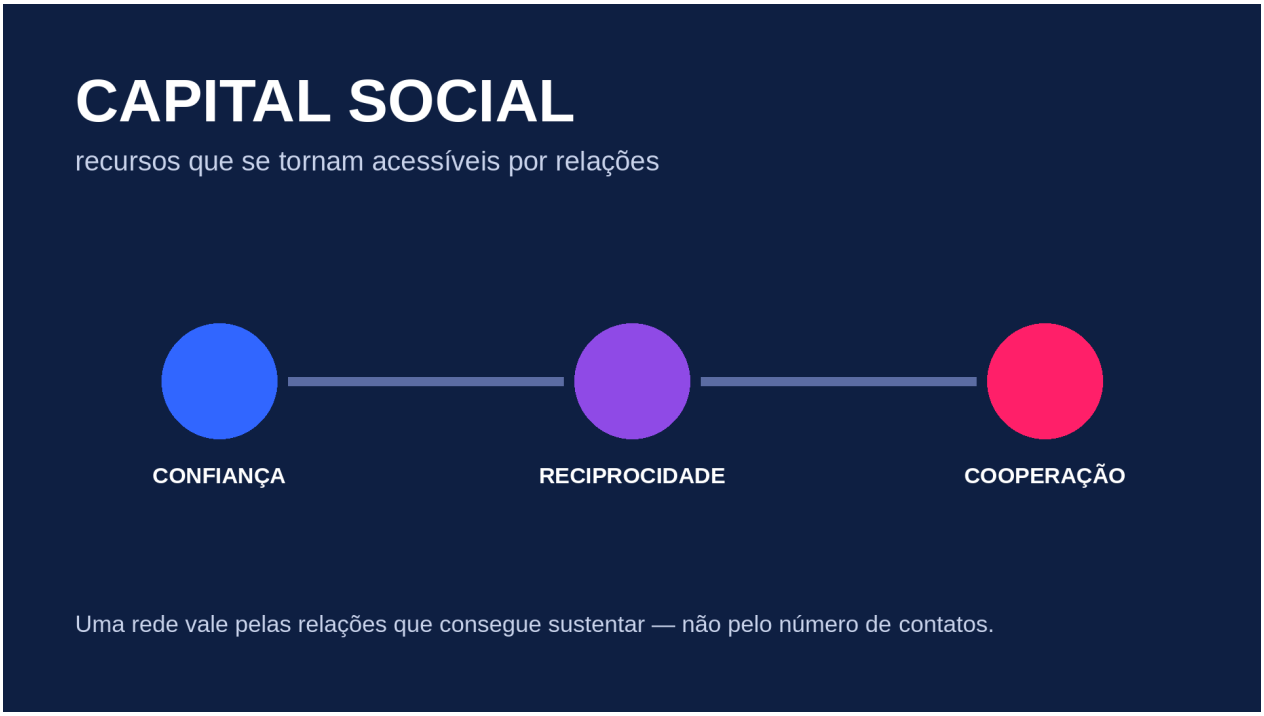
| Laço próximo | Densidade, apoio e memória compartilhada |
|---|---|
| Laço fraco | Ponte entre repertórios e grupos |
| Indicação | Transferência contextualizada de atenção |
| Confiança | Expectativa de cuidado e coerência |
| Capital social | Recursos acessíveis por relações |

> Cuidado
> **Uma recomendação envolve também a credibilidade de quem indica; por isso, contexto e critério importam.**

03 / LAÇOS E RECURSOS

# Capital social não é uma coleção de contatos

Em redes profissionais docentes, capital social refere-se aos recursos que se tornam acessíveis por relações de confiança, reconhecimento e cooperação. Recuero (2011) ressalta que esses recursos dependem das interações e das formas de reciprocidade construídas na rede. Informação contextualizada, acesso a repertórios, apoio interpretativo e oportunidades de colaboração não pertencem isoladamente a um perfil: emergem de relações e podem desaparecer quando essas relações são instrumentalizadas. Lin (2001) define capital social como recursos incorporados às estruturas de relações e que podem ser acessados ou mobilizados por meio delas. A definição desloca o foco da posse individual para as condições concretas de acesso, reconhecimento e reciprocidade.




Uma rede extensa pode oferecer pouca cooperação; uma rede menor pode sustentar indicações, crítica qualificada e apoio. Também é preciso reconhecer que capital social é distribuído de forma desigual. Posição institucional, prestígio, pertencimento a grupos centrais e familiaridade com códigos acadêmicos alteram quem consegue mobilizar pontes. A análise da rede deve considerar tanto os recursos disponíveis quanto as barreiras que tornam alguns participantes mais dependentes de mediação.

| Recurso | Como se torna acessível | Informação | Troca contextualizada | Apoio | Disponibilidade possível | Reconhecimento | Atribuição pública e crédito |
|---|---|---|---|---|---|---|---|

**Capital social é relacional**
Não pertence isoladamente a um perfil; depende de vínculos, normas e reciprocidade.

03 / CONFIANÇA EM PRÁTICA

# Confiar não significa concordar sempre

| Prática | O que fortalece | Risco |
|---|---|---|
| Recomendar | Explicar relevância | Usar o outro como selo |
| Apresentar pessoas | Consentimento e contexto | Expor sem autorização |
| Discordar | Argumento e respeito | Personalizar o conflito |
| Revisar | Assumir mudança | Apagar o histórico |

Confiança não elimina conflito nem exige consenso. Ela cria condições para que perguntas, limites e divergências sejam apresentados sem romper imediatamente a relação. Isso demanda previsibilidade ética: autoria preservada, contexto mantido, promessas realistas, proteção de confidencialidade e abertura para correção. A confiança é sempre uma disposição diante de algum risco; por isso, cresce quando as ações confirmam que a vulnerabilidade do outro não será explorada.

**Confiança crítica**
Relações confiáveis comportam divergência, revisão e recusa; não exigem concordância automática.

Uma presença relacional se mede menos pela extensão abstrata da rede e mais pela capacidade de sustentar trocas em que pessoas e contribuições possam circular com contexto e reconhecimento.

03 / PONTES ENTRE GRUPOS

# Laços fracos ampliam repertórios

Laços próximos oferecem densidade, memória compartilhada e apoio; laços menos intensos podem conectar repertórios que raramente se encontram. Nenhum tipo é superior em si e redes formadas apenas por proximidade podem reforçar homogeneidade e redes baseadas somente em contatos frágeis podem carecer de responsabilidade. A questão formativa é combinar abertura e compromisso, compreendendo qual relação está sendo mobilizada, para quê e com quais contrapartidas.

> **Questão**
> Que contrapartida relacional oferecemos quando mobilizamos uma ponte criada por outra pessoa?

03 / MAPA RELACIONAL

# Observar relações sem instrumentalizar pessoas

Mapear uma rede profissional não é classificar pessoas pelo que podem fornecer, mas reconhecer conhecimentos, contextos, vínculos, assimetrias e condições de aproximação. O mapa é provisório porque relações mudam, interesses se deslocam e consentimentos podem ser revistos. Seu valor está em tornar visíveis dependências e possibilidades de cuidado, não em produzir uma hierarquia de utilidade.

**Pergunta para aprofundamento**
Como ampliar repertórios por meio das relações sem reduzir pessoas a pontes ou recursos?

| Registro | Pergunta | Cuidado |
|---|---|---|
| Contribuição | O que esta pessoa investiga ou realiza? | Não reduzir a um rótulo |
| Contexto | Em que situação nos encontramos? | Não presumir intimidade |
| Possível aproximação | Há razão compartilhada? | Pedir consentimento |
| Reconhecimento | Como atribuir e contextualizar? | Evitar apropriação |
| Limite | O que não deve ser solicitado? | Aceitar a recusa |
| Reciprocidade | O que posso oferecer? | Não transformar em troca calculada |
| Revisão | A relação mudou? | Atualizar o entendimento |

**Mapa não é ranking**
O objetivo é compreender relações possíveis, não ordenar pessoas por utilidade ou alcance.

04 / RESPOSTA E REFLEXÃO

# QUANDO A RESPOSTA MODIFICA A PRÁTICA

Da devolutiva à reflexão profissional

Perguntas, relatos e discordâncias podem ampliar o julgamento docente quando são situados, interpretados e confrontados com outras evidências.

**Prudência interpretativa**
A resposta do público é indício situado: dialoga com o julgamento profissional, sem substituí-lo.

04 / RESPOSTA E REFLEXÃO

# Quando uma resposta modifica a prática

Nem toda resposta produz aprendizagem, pois uma reação registra contato e uma devolutiva qualificada oferece informação que pode ser interpretada, confrontada com a intenção inicial e incorporada a uma decisão posterior. Uma pergunta recorrente pode revelar uma explicação insuficiente, um relato de aplicação pode mostrar condições não previstas e uma discordância fundamentada pode tornar visível um pressuposto. O valor epistêmico da resposta depende de sua capacidade de abrir investigação, e não de confirmar o autor.

O interlocutor não substitui o julgamento profissional, mas altera o campo de observação. Ao introduzir outra experiência, ele pode deslocar a pergunta, revelar uma consequência, tensionar um conceito ou oferecer uma evidência que o autor não possuía. A aprendizagem relacional ocorre quando esse deslocamento é examinado e produz uma revisão justificável, sem transformar a opinião do público em comando.

| Resposta | Possível contribuição | Pergunta reflexiva |
|---|---|---|
| Dúvida recorrente | Revela ponto pouco claro | O que precisa ser reexplicado? |
| Relato de aplicação | Mostra condição concreta | O que não foi previsto? |
| Discordância fundamentada | Expõe pressuposto | Que argumento precisa ser revisto? |
| Complemento | Amplia repertório | Como incorporá-lo com crédito? |
| Silêncio | Não autoriza conclusão única | Que outras evidências existem? |

Princípio

**A resposta do público é um indício situado. Ela dialoga com o julgamento professional, mas não o substitui.**

04 / REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

# Responder não é obedecer ao retorno

Schön (2000) denomina reflexão sobre a ação o movimento pelo qual profissionais retomam a experiência e a transformam em objeto de análise. Em ambientes públicos, esse movimento ganha uma camada adicional: a experiência retorna mediada por interpretações alheias. Respostas recebidas em rede podem integrar a reflexão profissional desde que sejam tratadas como dados situados, e não como veredictos ou provas automáticas de impacto.

| | |
|---|---|
| **Escutar** | **Registrar sem reagir automaticamente** |
| **Contextualizar** | **Identificar posição e experiência** |
| **Interpretar** | **Formular hipóteses e limites** |

**Reflexão sobre a ação**
Retomar a experiência permite transformar uma reação recebida em questão profissional investigável.

Contextualizar uma resposta significa perguntar quem fala, de qual experiência, sobre qual aspecto, em que condições e com quais interesses. Significa também examinar quem não conseguiu responder e quais vozes foram desestimuladas pelo formato, pela linguagem ou pela assimetria da relação. O silêncio pode ter múltiplas causas; não autoriza concluir desinteresse ou concordância.

04 / INTERPRETAÇÃO

# Da devolutiva à pergunta profissional

Interpretar uma resposta envolve separar o que ela efetivamente informa daquilo que projetamos sobre ela. Um elogio pode não explicar o que funcionou e uma crítica pode ser pertinente em um contexto e inadequada em outro. O trabalho reflexivo compara ocorrências, procura padrões, confronta o retorno com objetivos e outras evidências e explicita a margem de incerteza antes de decidir.

Assim, o engajamento se torna aprendizagem quando a relação deixa rastros no raciocínio e na ação, sem converter a opinião do público em comando.

| Movimento | Pergunta |
|---|---|
| Receber | O que foi efetivamente dito? |
| Situar | De que contexto parte? |
| Confrontar | Que outras evidências confirmam ou tensionam? |
| Decidir | O que merece mudança? |

**Devolutiva**
Informar o que foi considerado torna visível a reciprocidade e impede que a escuta seja apenas performática.

04 / EVIDÊNCIAS E LIMITES

# Uma resposta é indício, não prova automática

Relatos, perguntas e discordâncias podem orientar revisão, mas precisam ser combinados com conhecimento profissional, objetivos pedagógicos e condições concretas. Uma resposta isolada pode sinalizar uma hipótese, respostas convergentes podem justificar uma investigação, mas, nenhuma delas, sozinha, demonstra aprendizagem ou impacto. A prudência interpretativa evita tanto ignorar o interlocutor quanto superestimar reações mais visíveis.

| | |
|---|---|
| **Indício** | **Resposta contextualizada** |
| **Hipótese** | **Interpretação provisória** |

> **Prudência**
> Nem toda crítica demanda mudança; nenhuma crítica deve ser descartada apenas porque produz desconforto.

Aprender em rede significa sustentar julgamento profissional aberto a perspectivas externas sem terceirizar a decisão. Esse equilíbrio exige justificar por que determinado retorno foi incorporado, relativizado ou recusado. A transparência do raciocínio é mais formativa do que a obediência imediata à reação recebida.

04 / CICLO REFLEXIVO

# Escutar, interpretar, decidir e devolver

Uma devolutiva ganha continuidade quando é reconhecida, interpretada e, quando pertinente, incorporada a uma decisão que pode ser comunicada ao interlocutor. Essa devolução não precisa prometer mudança; pode explicar o que foi compreendido, que limite permanece e qual questão continuará aberta. Assim, a escuta deixa de ser performática e se torna parte verificável da relação.

| Resposta | Possível ajuste | Limite |
|---|---|---|
| Dúvida | Rever explicação | Não simplificar indevidamente |
| Relato | Examinar condição | Não generalizar um caso |
| Discordância | Revisar pressuposto | Não ceder sem argumento |
| Referência | Ampliar repertório | Reconhecer autoria |
| Convite | Avaliar colaboração | Negociar escopo |

**Pergunta para aprofundamento**
Em que condições uma resposta pode alimentar reflexão profissional sem ser tratada como prova automática de impacto?

**Aprendizagem relacional**
O retorno ganha valor quando altera uma pergunta, um critério ou uma decisão e essa mudança pode ser justificada.

05 / CURADORIA DE TALENTOS

# CURAR É DISTRIBUIR RECONHECIMENTO

Critérios, autoria e assimetrias

Recomendar pessoas e contribuições participa da distribuição de atenção, credibilidade e oportunidade. Por isso, critérios e consequências precisam ser examinados.

> **Justiça e epistêmica**
> Quem é ouvido como especialista e quem permanece pouco audível nos repertórios que mobilizamos?

05 / CURADORIA DE TALENTOS

# Curar talentos é também distribuir reconhecimento

Curadoria de talentos não é formar uma lista de perfis úteis e sim identificar contribuições relevantes, explicitar critérios, contextualizar conhecimentos e criar conexões responsáveis entre pessoas e problemas. Ao recomendar alguém, o curador não apenas transmite informação: participa da distribuição de atenção, credibilidade e oportunidade. Toda curadoria contém uma teoria, ainda que implícita, sobre o que merece ser visto e quem pode ser reconhecido como fonte de conhecimento.

Abreu, Dias e Oliveira (2024) mostram que a curadoria pode ser também prática autoral e decolonial: selecionar e organizar repertórios envolve confrontar cânones, observar ausências e reconhecer saberes que os circuitos dominantes tornam periféricos. Uma curadoria ética explica por que a contribuição importa, preserva autoria e contexto, solicita consentimento quando a aproximação envolve exposição e evita transformar pessoas em recursos para a visibilidade do curador.

| | |
|---|---|
| **Selecionar** | **Identificar contribuição relevante** |
| **Contextualizar** | **Explicar por que importa** |
| **Reconhecer** | **Preservar autoria e especificidade** |

**Curadoria responsável**
Aproximar pessoas exige critério, atribuição, consentimento e atenção às consequências da exposição.

05 / ASSIMETRIAS DE VISIBILIDADE

# Quem costuma ser reconhecido como especialista?

Algumas contribuições são reconhecidas com maior facilidade porque seus autores ocupam posições institucionais legitimadas, dominam códigos valorizados ou já dispõem de visibilidade. Outras permanecem menos audíveis, embora sejam relevantes. Fricker (2007) denomina injustiça testemunhal a redução indevida de credibilidade provocada por preconceitos de identidade. A autora também discute a injustiça hermenêutica, que ocorre quando faltam recursos coletivos para nomear e compreender determinadas experiências.

Curar responsavelmente implica observar quem costuma ser citado, quem é apresentado como especialista, quais experiências não encontram linguagem reconhecida e quem assume o trabalho invisível de contextualizar saberes. Diversificar uma lista sem rever critérios de credibilidade pode conservar as mesmas hierarquias sob aparência de inclusão. Justiça epistêmica exige revisar tanto a seleção quanto os padrões usados para considerar uma contribuição inteligível e relevante.

| Ação | Valor |
|---|---|
| Risco | Citar |
| Reconhece autoria | Citação decorativa |
| Recomendar | Distribui atenção |
| Transferir sem contexto | Apresentar |
| Cria possibilidade de vínculo | Expor sem consentimento |

**Justiça epistêmica**
Credibilidade e visibilidade não são distribuídas de maneira neutra; os critérios precisam ser examinados.

05 / CRITÉRIOS E RESPONSABILIDADE

# Reconhecer sem apropriar

Reconhecer talentos é criar condições para que contribuições distintas sejam compreendidas em sua especificidade e possam entrar em relação sem apagamento. Isso exige atribuição precisa, contexto, consentimento e atenção às consequências de expor ou aproximar pessoas. Também exige distinguir reconhecimento de apropriação: citar alguém não autoriza extrair sua ideia do contexto, convertê-la em selo de legitimidade ou transferir-lhe demandas não pactuadas.

Pergunta para aprofundamento: que critérios permitem ampliar o reconhecimento sem reproduzir desigualdades de credibilidade, visibilidade e acesso às redes?

| Dimensão | Pergunta crítica |
|---|---|
| Credibilidade | Quem é presumido competente? |
| Visibilidade | Quem permanece pouco audível? |
| Critério | Que repertório é considerado legítimo? |
| Atribuição | Quem recebe crédito? |
| Consequência | Quem se beneficia da aproximação? |

> **Pergunta**
> A curadoria amplia a compreensão de uma contribuição ou apenas a incorpora à visibilidade de quem recomenda?

06 / COLABORAÇÃO E LIMITES

# DA CONEXÃO À COLABORAÇÃO

Acordos para uma produção conjunta

Colaborar exige problema compartilhado, papéis, decisão, autoria, créditos, consentimento, acessibilidade e possibilidade de revisão ou saída.

> **Presença sustentável**
> Limites compartilhados preservam a participação e impedem que a colaboração dependa da exaustão.

06 / COLABORAÇÃO E LIMITES

## Da conexão à produção colaborativa

| Acordo | Definição |
|---|---|
| Problema comum | O que será construído e por quê? |
| Interdependência | Por que a contribuição de cada pessoa é necessária? |
| Decisão | Como divergências serão tratadas? |
| Autoria | Como créditos e responsabilidades serão apresentados? |
| Consentimento | O que pode ser publicado, revisto ou retirado? |
| Uso | Quais licenças, públicos e contextos são permitidos? |
| Acessibilidade | Que barreiras precisam ser reduzidas? |
| Limites | Quando e como pausar ou encerrar? |
| Cuidado | Como evitar sobrecarga, invisibilidade e assimetria? |

### Colaboração exige interdependência e acordos explícitos

Colaborar não é apenas dividir tarefas. É construir algo cuja forma final depende efetivamente de mais de uma contribuição. Isso pressupõe um problema compartilhado, interdependência, espaço real de decisão e possibilidade de discordância. Paskevicius (2021) observa que educadores atuam como criadores, adaptadores e curadores em ecossistemas de mídia. Quando essa atuação se

torna conjunta, licenças, acessibilidade, atribuição e condições de reutilização precisam ser negociadas, e não presumidas.

> **Presença sustentável**
> Limites não são ausência de compromisso; preservam a possibilidade de participação ao longo do tempo.

A colaboração também é atravessada por poder. Diferenças de vínculo institucional, experiência, visibilidade, domínio técnico e acesso a recursos podem concentrar decisões e tornar algumas contribuições apenas decorativas. Acordos sobre papéis, autoria, créditos, circulação, revisão e saída não eliminam as assimetrias, mas permitem reconhecê-las e criar procedimentos para contestá-las. Uma produção é colaborativa quando participantes conseguem influenciar o processo e compreender como suas contribuições serão usadas.

A ética do cuidado de Tronto (1993) acrescenta outro critério: uma relação sustentável precisa perceber necessidades, assumir responsabilidades possíveis, atuar com competência e escutar a resposta de quem recebe o cuidado. No trabalho em rede, isso implica não naturalizar disponibilidade permanente, trabalho não reconhecido ou exposição involuntária. Limites de tempo, proteção de dados, acessibilidade e direito de retirar consentimento são condições da colaboração, não obstáculos externos a ela.

06 / SÍNTESE INTEGRADORA

# Da autoria à participação responsável

A cultura digital amplia a capacidade de tornar conhecimento público, mas não garante que esse conhecimento seja compreendido, reconhecido ou convertido em aprendizagem. Entre publicar e participar existe um trabalho relacional: tornar a contribuição legível, reconhecer respostas, sustentar confiança, interpretar indícios, distribuir crédito e negociar formas de colaboração. Esse trabalho completa a passagem da identidade profissional para uma presença capaz de integrar redes sem se reduzir à performance.

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| LEGIBILIDADE | RECIPROCIDADE | CONFIANÇA | REFLEXÃO | RECONHECIMENTO | COLABORAÇÃO | CUIDADO | LEGIBILIDADE |

**Questão final**
Que condições permitem participar de redes de conhecimento sem transformar presença em performance, interlocutores em métricas ou colaboração em apropriação?

REFERÊNCIAS

# FUNDAMENTOS MOBILIZADOS NO E-BOOK

ABREU, M. dos S.; DIAS, L. C. da C.; OLIVEIRA, M. E. de S. **Curadoria digital e decolonial de vídeos e podcasts na educação linguística em francês.** Texto Livre, Belo Horizonte, v. 17, e47937, 2024. DOI: 10.1590/1983-3652.2024.47937.

BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age.** 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2015.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality.** Cambridge: Polity Press, 2017.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: power and the ethics of knowing.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2014.

GRANOVETTER, Mark S. **The strength of weak ties.** American Journal of Sociology, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. DOI: 10.1086/225469.

LIN, Nan. **Social capital: a theory of social structure and action.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI: 10.1017/CBO9780511815447.

MARWICK, Alice E.; BOYD, danah. **I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience.** New Media & Society, v. 13, n. 1, p. 114-133, 2011. DOI: 10.1177/1461444810365313.

PASKEVICIUS, Michael. **Educators as content creators in a diverse digital media landscape.** Journal of Interactive Media in Education**,** v. 2021, n. 1, art. 18, 2021. DOI: 10.5334/jime.675.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

TRONTO, Joan C. **Moral boundaries: a political argument for an ethic of care.** New York: Routledge, 1993.

VELETSIANOS, George; KIMMONS, Royce**. Networked participatory scholarship: emergent techno-cultural pressures toward open and digital scholarship in online networks.** Computers & Education, v. 58, n. 2, p. 766-774, 2012. DOI: 10.1016/j.compedu.2011.10.001.